

## Casa-Museu José Régio

Sérgio Lira

Professor Associado, Universidade Fernando Pessoa

slira@ufp.edu.pt

Chegar a Portalegre evoca-me inevitavelmente a “Toada” de José Régio. Mesmo com as estradas modernas rasgando no Alto Alentejo tiras de velocidade que quase impedem o admirar da paisagem, as serras, os penhascos as oliveiras e os sobreiros permanecem. Assim como permanece a casa do escritor. Já não o local de habitação, mas a evocação da memória dessa habitação. Subidas as escadas que elevam a porta principal relativamente à rua, as palavras de Régio não mais deixam de bailar nos nossos sentidos, porque a casa onde morou é, inevitavelmente, uma “(...) casa velha, (...) cheia dos maus e bons cheiros das casas que têm história, cheia da ténue, mas viva, obsidiante memória de antigas gentes e traças, cheia de sol nas vidraças e de escuro nos recantos, cheia de medo e sossego, de silêncios e de espantos (...)”.

Passado o vestíbulo, onde se instalou a recepção da Casa-Museu, entramos num universo extraordinário e insuspeito: a sucessão de salas recheadas com o riquíssimo espólio de arte sacra e popular, que Régio laboriosamente recolheu e colecionou pelas veredas que ligavam os montes e as aldeias alentejanos, surge numa catadupa de cores, formas, cheiros e luzes que emanam dos Cristos crucificados, das peças de cerâmica, do mobiliário, das pinturas, das miniaturas... dos livros: os livros (uma ínfima parte do espólio bibliográfico da Casa-Museu) que recheiam recantos de leitura e que certamente contribuíram para que José Régio tenha querido bem a esta casa “(...) como se fora tão feita ao gosto de outrora como as do meu aconchego (...)”.

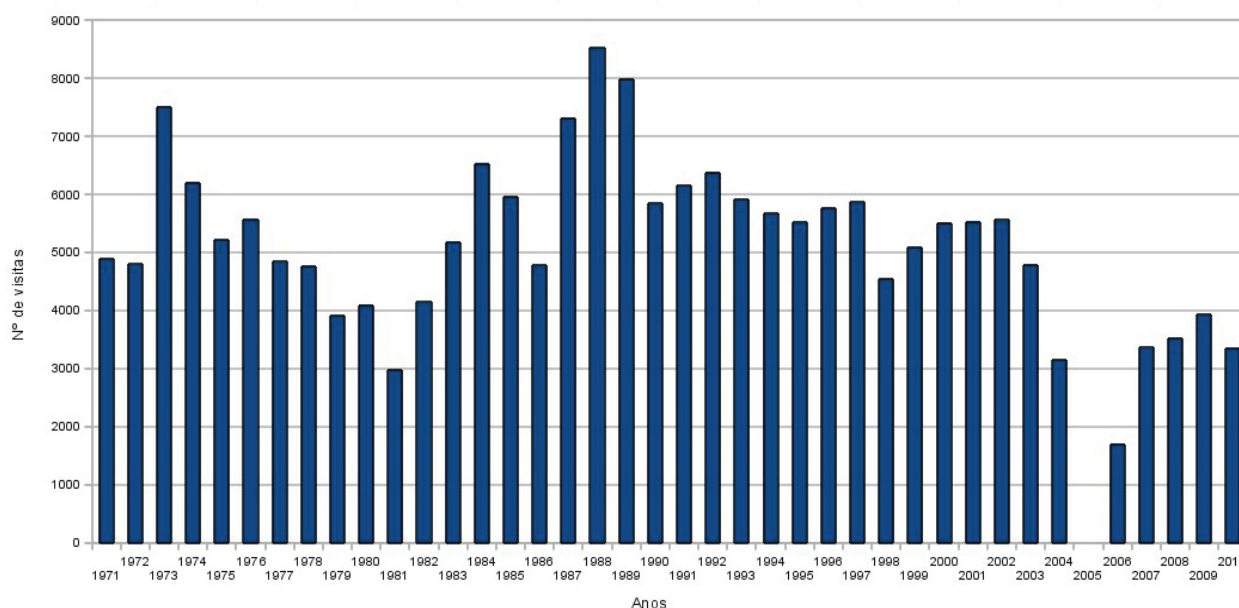
Nesse recanto com paredes forradas a espécimes invulgares, deparamos com a “(...) pequena varanda, diante duma janela, toda aberta ao sol que abrasa ao frio que tosse e gela (...)”, a tal única diversão do poeta em alguns dos momentos de angústia que aqui viveu. O cenário que hoje se avista da dita janela não será o que Régio admirou – não lhe andarão muito longe, ainda assim – mas o visitante que conheça a “Toada de Portalegre” não deixará de aí perder o olhar. Para o que a não conheça, está o poema autógrafo sobre uma mesa, e a caligrafia brusca oferece-se à leitura. Sucedem-se a sala, o quarto, a saleta, a cozinha e mais aposentos – e sempre o mesmo cenário de peças admiráveis, num labirinto arquitectónico, estético e estilístico que submerge.

José Régio presidiu à organização da Casa-Museu, e mesmo estando já instalado na sua terra natal, visitou amiúde Portalegre para orientar a disposição das peças e colecções e dos objectos pessoais e de uso quotidiano que por toda a casa encontramos – por isso

está ainda presente, fortemente presente, na sua Casa-Museu. Por isso, e porque a visita é acompanhada por quem nos vai contando as histórias desse longo momento, congelado no tempo, em que José Régio ali habitava – do enorme Cristo que lhe velou a noite em que o trouxe para casa, dos cristais e dos livros, de poltrona onde se sentava, de como regulava o seu horário de aulas e de tertúlias, e das viagens que no lombo de um burro ou na boleia de uma carroça fazia para trazer para casa toda aquela parafernália de objectos. Dos negócios a que essa mania da colecção obrigava, do empenhar do ordenado na compra de mais uma peça, e de mais uma peça, e de ainda outra, e de outra ainda. E do teimar com este e com aquele, que embirravam não querer vender mas que acabaram por ceder, estando as peças hoje expostas em penhor dessa rendição.

Saímos por onde entráramos. Bruscamente estamos novamente no universo presente, há automóveis na rua e Portalegre é a do século XXI. Mas a visita é memorável: sem interactivos, sem sofisticadas soluções tecnológicas, sem rebuscadas artimanhas sensoriais – a visita é memorável pela abundância de contrastes, pela autenticidade das cores, das formas e dos cheiros, pelo vigor dos objectos autênticos. E por ser uma visita guiada, onde a voz que nos acompanha explica, esclarece, conta, trás ao presente as memórias embutidas nas peças e na arquitectura. Tal explicará, porventura, o sucesso da Casa-Museu em termos de visitantes.

De facto, desde 1964 que Portalegre decidiu apadrinhar a antiga habitação do professor liceal, que albergava a colecção que havia recolhido ao longo de longos anos de permanência em Portalegre. Ele próprio assim a descreve, em texto de 1965, quando refere que foi ocupando paulatinamente toda a pensão (onde originalmente havia apenas alugado um quarto) com a sua “colecção de velharias”. Móveis, loiças, ferros forjados, cobres e estanhos, Cristos, enfim toda uma panóplia de objectos de que se rodeou para amenizar a solidão e que se transformaram num espólio significativo. A esse se juntava um longa lista bibliográfica, de livros e revistas, que constitui hoje outra das inextinguíveis riquezas da Casa Museu. As vicissitudes por que passou o edifício e a instalação das colecções, logo nos anos seguintes, surgem em alguma documentação (como por exemplo a necessidade de obras em 1967, assinalada pelo próprio José Régio). O facto é que, pouco depois da morte do Autor (que não teve já oportunidade de assistir à inauguração) a Casa Museu José Régio abriu ao público a 23 de Maio de 1971. Desde então, e até 2004, permaneceu aberta e com níveis de



**Gráfico 1: Número total de visitas à Casa Museu José Régio, entre 1971 e 2010. Fonte: Casa Museu José Régio.**

visitas muito assinaláveis (como é possível observar no gráfico 1). Nesse ano a Casa Museu encerrou ao público, em função de demolições a realizar em edifícios vizinhos e de obras na própria Casa, tendo reaberto dois anos mais tarde.

Hoje em dia a Casa Museu José Régio desenvolve uma intensa actividade cultural, de onde se podem destacar exposições temporárias, ciclos de Conferências e uma rica programação de serviços educativos. Nesta área, a Casa Museu José Régio adopta uma posição pedagógica, orientando as suas actividades para as faixas etárias-alvo e preparando-as de acordo com objectivos gerais que expressa: Reflectir sobre o que vê; Respeitar o trabalho do outro; Respeitar outras formas de pensar e de sentir. Na Casa Museu José Régio todas as visitas são guiadas, e por maioria de razão as visitas escolares, adaptadas e preparadas para os vários graus de ensino. Parcerias com escolas locais permitem uma actividade e uma utilização quase constantes, potenciando o espólio e o espaço museal. As visitas para pessoas com necessidades especiais foram também planeadas, estando disponível, por exemplo, uma guia da visita em Braille. Por outro lado, e sendo as reservas da Casa Museu tão ricas (para mais de 1.500 peças expostas, as reservas recolhem quase 1.400) há também actividades do serviço educativo a elas dedicadas. A ligação de José Régio à vida campestre e ao artesanato não foi esquecida, convidando o museu artesãos que mostram os seus trabalhos e explicam o “saber fazer”, tão importante em alguns dos aspectos da colecção da Casa Museu. O público sénior faz também parte da oferta dos serviços educativos, nas visitas guiadas com poesia – onde se declama na presença das peças que deram origem a algumas das obras de Régio. Finalmente, estão ainda disponíveis visitas temáticas, que percorrem as colecções queridas do Autor (a cerâmica, o ferro forjado ou a arte pastoril, entre outros).

A Casa Museu José Régio é pois ponto essencial de qualquer itinerário em Portalegre, e de qualquer itinerário Regiano. Pelas suas características *sui generis* e pela alma do autor que transpira em cada cômodo e em em cada objecto, a Casa Museu José Régio aparece-nos um universo único, e de visita necessária. A estranha sensação de que José Régio poderia estar, ainda e sempre, sentado no puído cadeirão, servindo-se de um dos muitos tesouros bibliográficos que ocupam as estantes, ou admirando uma das muitas peças que a sua paixão foi recolhendo ao longo de uma vida, não mais se desvanece.